

Conexão individual

Ao longo dos anos, a decisão de ter ou não filhos pode mudar. Isso aconteceu com Raquel Alves, 49, que após priorizar sua carreira e viajar pelo mundo, começou a tentar engravidar aos 32 anos, enfrentando problemas de saúde que tornaram a gravidez difícil, incluindo endometriose e cirurgias. “Com o tempo, comecei a pensar se, para mim, era tão importante assim ter filhos naturais, e cheguei à conclusão de que não era. Eu iria ser uma tia legal e estava/estou contente com isso”, menciona.

Ela conta que a separação aos 42 anos solidificou essa escolha, levando-a a perceber que não queria ser mãe solo. “Os tratamentos não estavam sendo eficazes e meu ex-marido não era muito simpatizante à ideia de adotar, e acredito que os dois devem estar de acordo quando se trata de uma decisão assim. É um processo muito exaustivo e, no final dele, eu já estava cansada”, acrescenta.

Raquel sente que sua decisão de não ter filhos a libertou de pressões sociais e expectativas. “Eu não tenho essa visão de que a mulher nasceu para parir e que a grande função social dela é gerar vida e botar filhos no mundo. Eu me senti mais conectada comigo mesma quando, definitivamente, decidi que isso não era para mim”, analisa.

Sua relação com a família foi marcada inicialmente por surpresa, mas não houve conflitos significativos, e com o tempo, eles entenderam sua escolha. “Minha família ficou um pouco chocada. Como eu tentei tanto e fiz tratamentos, foi confuso para eles entenderem minha decisão. Apesar disso, nossa relação não foi afetada de forma negativa. Eles ainda têm dificuldades para compreender meu estilo de vida, uma mulher de quase 50 anos que optou por não ter filhos, mas está tudo bem assim”, complementa.

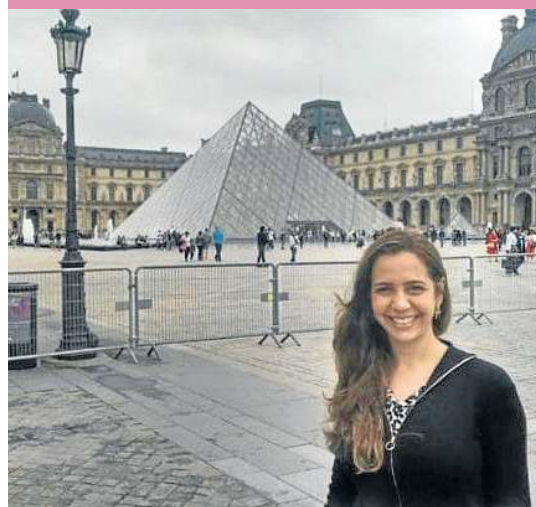
“Com outros parceiros, minha decisão de não ter mais filhos me ajudou bastante. Quando começo a me envolver com alguém e surge o assunto, digo logo que não quero e nem posso ter filhos. Essa frase muda a dinâmica dos relacionamentos e, honestamente, torna tudo mais leve”, diz a analista política ao perceber que a decisão de não ser mãe também teve um impacto positivo em suas relações, proporcionando maior leveza e clareza em suas interações.

Entre escolhas e pressões

Renata Amorim, 49, como muitas mulheres, sempre teve o desejo de ser mãe. No entanto, a realidade mudou quando foi diagnosticada com



Para Renata, a impossibilidade de ser mãe a fez perceber que a felicidade não está necessariamente atrelada a ter filhos



endometriose profunda. “Foi depois dos 30 anos que eu percebi que seria muito difícil engravidar naturalmente. Após os 35, eu já tinha entendido que a maternidade, pelos meios naturais, não seria uma opção para mim”, explica. Mesmo assim, Renata decidiu não recorrer a tratamentos de fertilização. “Eu nunca quis fazer tratamentos para engravidar, e comecei a trabalhar a minha cabeça para entender que não ser mãe não seria o fim do mundo”, acrescenta.

O processo de aceitação não foi simples. A servidora pública precisou repensar a própria vida e redescobrir novos caminhos. “Não foi de um dia para o outro, mas eu entendi que poderia ter uma outra lógica de vida e que não seria infeliz por não ser mãe. A endometriose me trouxe essa condição e me mostrou uma outra forma de viver”, reflete.

Quando questionada sobre se não ter filhos trouxe mais liberdade ou benefícios, ela é enfática: “São escolhas diferentes. Quem tem filhos é feliz com as suas escolhas e quem não tem também pode ser feliz com outra forma de viver”. Para Renata, o tempo livre, que muitas vezes parece ser uma vantagem para quem não tem filhos, na verdade, se traduz em uma vida diferente, mas não necessariamente melhor.

Renata compartilha que a decisão de não ter filhos aconteceu antes de seu atual relacionamento. “Quando comecei meu relacionamento atual, já sabia que não teria filhos naturalmente, e isso nunca foi um problema. Meu marido também não tinha o sonho da paternidade, então, nesse aspecto, foi tranquilo”, revela. No entanto, a pressão da sociedade e da família é constante. “Já recebi olhares de pena e perguntas sobre por que eu não tentava um tratamento de fertilização.”

A servidora pública também aponta que a pressão para a maternidade vai além da família. “Ela vem dos amigos, dos colegas de trabalho. As pessoas perguntam: ‘Mas você não quis ser mãe? Não gosta de crianças?’. Isso não são perguntas fáceis de responder, porque eu queria ser mãe, mas minha condição não permitiu”, desabafa.

“Essa pressão faz com que muitas mulheres escolham a maternidade sem estarem emocionalmente ou financeiramente preparadas. Eu sempre quis ser mãe, tinha uma estrutura emocional e financeira, mas entendo que ser mãe é uma grande responsabilidade. E ser mãe não é sinônimo de felicidade. Muitas mulheres acabam cedendo à pressão social sem estarem prontas”, conclui.